

Resenha de Livro: “What the Buddha Thought”

RICHARD GOMBRICH Oxford Centre for Buddhist Studies Monographs Equinox 2009; 240 pp., \$24.95 (paper)

Resenhado por TONY BERNHARD

No *Aṅī Sutta: A Cavilha* (SN 20.7), Buddha adverte sobre um futuro no qual seus ensinamentos ficarão ofuscados pela confusão de reinterpretações e de comentários:

“[As pessoas] ouvirão quando os discursos que são trabalhos literários - obras de poetas, elegantes em melodia e em retórica, obras de fora e palavras de discípulos - forem recitados. Elas prestarão atenção e farão tudo para apreendê-los. Elas considerarão esses ensinamentos dignos de serem guardados e dominados. Dessa forma, o desaparecimento dos discursos que foram ditos pelo Tathāgata - profundos, profundos em seu significado, transcendentais, conectados com o vazio - se concretizará”.

Richard Gombrich, um dos primeiros professores universitários de sânscrito na Universidade de Oxford (1974-2004) e presidente da Sociedade de Textos em Pāli (Pali Text Society) de 1995-2002, traz as habilidades sistematizadas dos estudos contemporâneos ao estudo das fontes primordiais dos textos em pāli, enquanto os contextualiza no cenário histórico original. Os resultados contêm surpresas significativas, sólidas e suficientes para que o título do último capítulo do livro seja: “Dá para se acreditar neste livro?”

O próprio título do livro, “What the Buddha Thought”, é um jogo de palavras intencional em relação ao clássico de Rahula Walpola, “What the Buddha Taught”, e assim exemplifica o jogo de palavras, a ironia e a metáfora que Gombrich afirma serem traços essenciais do estilo de ensinamento do Buddha. A versão oficial atual dos ensinamentos do Buddha poderia, Gombrich graceja, ser mais apropriadamente caracterizada como “What Buddhaghosa Taught” com relação ao monge do Sri Lanka do V século que compilou os comentários autoritativos da tradição Theravāda.

Gombrich almeja restaurar os significados perdidos pelos comentadores posteriores – mais particularmente Buddhaghosa – os quais perderam o contato com o mundo no qual o próprio Buddha viveu e, assim, buscaram sentido nas palavras dos próprios textos ao invés dos significados relacionados às situações. “Muitas das ideias [do Buddha] foram formuladas”, ele diz, “para refutar outras ideias correntes em sua época, mas para assim fazer ele teve que inevitavelmente usar a linguagem de seus oponentes, pois não tinha nenhuma outra”.

Um exemplo que Gombrich usa para ilustrar esse processo é o uso, pelo Buddha, da palavra *upadāna*, que geralmente é traduzida como “agarrar” ou “apego”. Conforme utilizada pelos brāhmaṇas da época, *upadāna* referia-se ao ritual que alimenta os três fogos sagrados que eram mantidos queimando nas casas brāhmaṇicas. O Buddha sequestrou a palavra e mudou seu significado para descrever o ato de alimentar os fogos da cobiça, ódio e ilusão ao invés dos três fogos sagrados. Retirando a referência do termo da realização de um ritual, o Buddha usou *upadāna* para ilustrar o caminho das nossas ações que levam ao sofrimento.

Para o Buddha do Cânone Pāli, o ritual em si era inútil, ainda que essa noção tenha sido um pouco modificada pelos comentadores posteriores que atribuíram como “meios hábeis” alguns tipos de atividades ritualísticas habituais. Em todo caso, para os brāhmaṇas da época do Buddha, o ritual era muito importante, pois era através do ritual realizado corretamente que a vida harmoniosa no universo seria mantida. Como o desempenho exato era importante, havia especial ênfase na precisão com que cada rito era executado. O correto desempenho do ritual era denominado pela palavra ‘karman’.

O Buddha tomou a palavra brāhmaṇica para ritual e usou-a para indicar intenção ética: karma é intenção, ele declarou. Comportamento ético, dessa maneira, era uma enorme mudança de paradigma das sensibilidades

dominantes de seu tempo e foi um dos elementos doutrinários mais importantes que o separou de seus contemporâneos brâhmas e jainistas.

Os elementos mais básicos dos ensinamentos védicos - que em última análise, nada somos além ser, consciência e bem-aventurança - aparecem quase ininteligíveis para o Buddha que Gombrich descreve. O Buddha não estava interessado no que denominaríamos de metafísica - filosofando sobre o que realmente existe - mas estava, ao contrário, engajado no que denominaríamos fenomenologia - o exame do que é presente para a consciência.

Consciência ou entendimento não é uma coisa no Dhamma de Buddha: é simplesmente um processo condicionado. Entidades tais como “consciência pura” ou “espírito universal” – incondicionados, autônomos e, em última instância, satisfatórios para a experiência – não aparecem no Cânone Páli. Buddha não estava preocupado com “coisas” porque os processos são tudo o que experienciamos e, assim, para falar da experiência que evita a linguagem convencional, denotativa, apoiou-se no uso da metáfora e da analogia.

Contudo, quando você toma a metáfora e a analogia - para não mencionar a ironia - fora de contexto e na tentativa de analisar as palavras nas quais os ensinamentos são apresentados, é fácil não entender as qualidades metafóricas e focar mais no literal.

Por exemplo, a própria palavra Nibbāna, o objetivo da prática, é também um processo, Gombrich diz. É algo assim: a palavra é um verbo intransitivo que se traduz como ‘sair’ ou ‘se extinguir’, referente ao processo de permitir que os fogos da cobiça, ódio e ilusão desapareçam. Pode ser confuso tratá-la como um substantivo, uma coisa, uma entidade em si mesma, pois enquanto coisa ele se torna algo a ser adquirido e como entidade incondicionada ela pode facilmente parecer estar bem fora do alcance de nossa experiência constantemente mutante.

Talvez o exemplo mais chocante da exploração das metáforas por Gombrich nos ensinamentos do Buddha, apareça em sua abordagem sobre os Brahmā Vihāras - especialmente *mettā* - que entendemos com um simples, embora desejável, estado mental. Gombrich diz, no entanto, que para qualquer brâhma da daquela época, a noção de morar com Brahma (morada divina), seria imediatamente entendida como a realização do objetivo final. Os Brahmā Vihāras, diz Gombrich, seriam as qualidades de alguém completamente desperto e o cultivo deles é um caminho totalmente eficaz para o completo despertar.

Isso pode não ser hoje um entendimento comum. Os Brahma Vihāras são ensinados como um método hábil de cultivar a concentração e os estados mentais desejáveis. Isso, segundo Gombrich, é o resultado dos comentadores terem perdido contato com a vida e a época de Buddha. O *Mettā Sutta*, ele aponta, faz a descrição daquele que conhece o caminho da paz, daquele que despertou e não nasceu de novo para o mundo: uma descrição de um arahant ou de não-retornante.

Buscar o significado da passagem nas próprias palavras ao invés de olhar para o que teria significado no tempo do Buddha é o resultado do pensamento abstrato e literal sobre os textos desconectados com o contexto em que foram proferidos. Agarrar os ensinamentos como faria com uma cobra, Gombrich diz, se feito incorretamente (ex.: tomando os textos literalmente quando na verdade foram feitos para serem lidos metaforicamente) pode resultar em ser mordido pelo engano.

Este livro é para ser acreditado? Como você pode imaginar, esta é mais uma obra de prosa acadêmica do que de poesia. É o resultado do conhecimento disciplinado, merecedor de esforço e estudo. Para aqueles de nós que não têm as credenciais acadêmicas para avaliar seu trabalho de forma crítica, a apresentação de Gombrich faz brilhar uma nova luz sobre os ensinamentos do Buddha, e nessa luz há muito que explorar.

Tony Bernhard é um dos líderes da Comunidade de Dharma de Spirit Rock. Ele faz parte da diretoria do Sati Center for Buddhist Studies, é membro do Comitê de Planejamento do Spirit Rock Meditation Center e coordena grupos de meditação e estudos de Dharma em Davis, CA.